

Resenha: “Juventudes Contemporâneas. Desafios e Expectativas em transformação” organizado por João Batista de Menezes Bittencourt

Cristiane Mello de Miranda Silva e Emilly Pereira Silva

Esta obra é uma coletânea de textos escritos a partir de debates realizados no II Seminário Juventudes Contemporâneas ocorrido em novembro de 2017, na Universidade Federal de Alagoas, que foi organizada pelo Professor João Batista de Menezes Bittencourt, que teve como principal objetivo refletir e avaliar a maneira com que as mudanças sociais, econômicas e políticas alteram de forma substancial a maneira de viver e ler o mundo por parte dos jovens brasileiros, considerando as diferenças de classe social, de raça e gênero. Neste evento foi fundada a REAJ - Rede de Estudos e Pesquisas e Ações Juvenis - com a intenção de fomentar o intercâmbio entre os pesquisadores(ras) nas áreas de sociologia e antropologia acerca do tema da juventude no Brasil.

A obra compõe-se de um capítulo de apresentação redigido pelo organizador dos textos, o professor antropólogo e sociólogo João Batista de Menezes Bittencourt, e pelo professor e antropólogo Alexandre Barbosa Pereira, mais nove capítulos redigidos por diferentes sociólogos e antropólogos de várias universidades do Brasil, que versam sobre a temática da juventude contemporânea, sob diferentes prismas.

O primeiro capítulo, intitulado “Entre fluxos juvenis: relatos multi situados de rolês por espaços de encontros em São Paulo”, escrito por Alexandre Barbosa Pereira, analisa a trajetória entre o fluxo juvenil funkeiro¹ à criação dos “rolezinhos” nos Shoppings da cidade - prática que, segundo o autor, causava pânico moral e fora estigmatizada como violenta e marginalizada pela imprensa, apesar de não ter havido nenhuma notícia de crime pelos comerciantes, assim como os fluxos de funk são designados pela imprensa como encontro de criminosos. O autor cita Howard Becker (2008) para indicar o comportamento agressivo por parte do Estado dirigido a alguns segmentos sociais classificados como perigosos e baseia-se em características econômicas e raciais que permeiam a construção de um estereótipo passível de ser vigiado e ter sua liberdade mitigada, pelo Estado. É uma pesquisa multissituada (George Marcus, 1995) que pretende compreender onde e como os jovens estabelecem seus espaços de fluxo na cidade de São Paulo e, por conseguinte, em que contextos entram em

conflito com outros fluxos e com o Poder Público.

No segundo capítulo, por meio da observação das múltiplas linguagens juvenis, Glória Diógenes, traz em seu texto “Diagramas das juventudes contemporâneas: artes e astúcias de reinvenção na cidade” uma face política da juventude na busca por “liberdade”, citando a geração de 1968 em um movimento denominado de “contracultura” quando buscava-se, à época, uma inovação cultural no Brasil, criando e recriando paisagens urbanas, em um movimento de recusa e busca de liberdade voltados e focados na mobilização social. A pesquisa foi realizada na cidade de Fortaleza, Ceará, onde a autora ressalta a capacidade de criação de espaços novos na cidade pelos jovens, especialmente os jovens das periferias. De acordo com a autora, quando os elementos arte, cidade e juventude se encontram “põe em xeque o próprio sentido do que é considerado público e privado, legal e ilegal, permitido e proibido.” (p. 43), da mesma forma como já citado por Alexandre Pereira, no “slam da resistência” (p.23).

Ainda na seara cultural, Marco Aurélio Paz Tella, no terceiro capítulo, “Práticas performáticas e resistência de jovens negros na cidade”, discorre sobre a luta no combate às práticas racistas, que os jovens realizam por meio de suas vozes no hip-hop, no rap e na break dance, isto é, por meio da música e da dança. De acordo com o autor, o racismo no Brasil é sistêmico, visto que percorre todos os sistemas sociais: jurídico, político, midiático e outros, sendo que tais ações podem ser percebidas e vividas em piadas e estigmas sociais e culturais. Paz Tella salienta a existência de uma notória superioridade de investimentos em áreas onde residem populações brancas e com maior poder aquisitivo, em detrimento das periferias da Paraíba, cidade em que realizou sua pesquisa, e de outras grandes cidades, onde se encontra a maioria de pessoas com a cor de pele preta e os mais pobres.

No quarto capítulo, “Relógios, calendários e celulares: uma etnografia dos tempos numa escola de Ensino Médio”, Mônica Franch e Josilene de Souza, situam os jovens em um período e espaço - o Ensino Médio. Traçando uma linha de raciocínio que molda o ser jovem, tanto na dimensão temporal que segue o calendário, quanto no espaço de pertença e formação do ordenamento biográfico de vida, as autoras entendem

¹ Segundo o autor é a denominação dada a muitas pessoas que se reúnem nas ruas para ouvir funk, que é um gênero musical derivado na soul music estadunidense, que veio para o Brasil em 1970, na cidade do Rio de Janeiro (VIANA, 2010).

que se criam “memórias de vida”, consideradas essenciais para as relações semeadas na escola e fora dela. A pesquisa examinou relatos de professores e de estudantes de uma escola em João Pessoa, Paraíba, no ano de 2013, e teve como principal objetivo a análise dos “tempos sociais” desses sujeitos, ou seja, o tempo do trabalho, de estudos e de outras trocas interpessoais. As autoras salientam a distância entre o discurso e a prática, quando afirmam que, com frequência, nas escolas públicas, há falta de investimento tanto em material para desenvolvimento e construção do conhecimento crítico-reflexivo, quanto em formação continuada e qualidade aos professores, em contraposição a perspectiva meritocrática desumana no cotidiano social, isto é, a vida exige do jovem muito mais habilidades críticas do que é desenvolvida em seara escolar.

Alexandre Bittencourt, a seguir, no quinto capítulo, traz um estudo etnográfico acerca dos jovens *straightedges*² de São Paulo, sob o título “Etnocartografia: um método para a leitura das práticas juvenis”. O autor discorre sobre a história desse grupo social e demonstra que, ao mesmo tempo que os adultos exigem uma vida regrada e cheia de perspectivas futuras aos jovens, também cobram destes a liberdade e a leveza. Nesse sentido, realça a tensão e o preconceito sofridos por jovens que querem se impor cultural e politicamente.

Ainda na toada das práticas juvenis, Vanderlan Silva, no sexto capítulo, escreve sobre “Práticas Juvenis de lazer na periferia de Campina Grande, na Paraíba”, tendo como objeto de pesquisa as múltiplas juventudes de uma comunidade local economicamente desfavorecida. Nesse trabalho discutiu o valor das ações juvenis produzidas naquela comunidade para mitigar as dificuldades estruturais locais, construindo assim um local de pertença, por meio da ampliação de redes de voluntariado, inovação e lazer.

Já Frank Marcon, no sétimo capítulo, aborda a música de festa jovem, como um fator identitário africano e propulsor de diálogo entre os jovens, sob o título “Música de festa: identidade na diáspora africana”. Partindo de Angola, passando por Nigéria, África do Sul e Gana, o autor convida o leitor a uma viagem cadenciada por batidas eletrônicas ora frenéticas, ora sensuais, como formas de percepção do próprio corpo. Relata que hoje tem-se discotecas em toda a Europa e no Brasil que ampliam as percepções por meio de vídeos e fumaças nos salões, como apetrechos para instigar o autoconhecimento corporal e a sensação de pertença a um grupo cultural juvenil.

2 *Straightedge* é um definido pelo autor como um estilo de vida surgido nos EUA, na década de 1980, como desdobramento da cultura punk. Era a resistência a tendência niilista defendida por algumas pessoas do punk.(p. 117)

Em “Necessidade de Polícia e a paz das facções: desejos de ordem e feitos de desordem nas periferias de Maceió”, Fernando Rodrigues, no oitavo capítulo, aborda os anseios juvenis no tocante a boa convivência em uma grota³ ambiente em que alguns conceitos sociais são questionados e ressignificados pela comunidade juvenil, moradora do local. As figuras de policiais e de traficantes trazem uma nova ordem mercadológica e de justiça social para tais localidades, e valores como: honra, justiça e valor têm conotação diferente entre essas duas figuras sociais, a saber, o Estado e o bandido, especialmente no exercício da “justiça”.

Por fim, no capítulo nono, o texto de Breitner Luiz Tavares trata a respeito de “Orientações coletivas de jovens rappers: mercados, torcida organizada e experiências discriminatórias em Maceió, Alagoas”, apresentando um estudo acerca dos confrontos entre jovens de torcidas de futebol diferentes e rappers. Dentro das torcidas concebe-se uma irmandade confortável, inclusive no apoio à composição de raps e hip-hop, havendo uma sensação de acolhimento que valoriza o jovem. Conclui esse autor que a categoria ‘juventude’ em Maceió ainda é vista como “desviante”, “seres rebeldes” pessoas que devem ser alvo de “programas de ressocialização ou de inclusão” e, mesmo tendo sido considerada pela lei como categoria social específica, no cotidiano, os jovens ainda sofrem pressão para seguirem modelos sociais antigos.

Trata-se de uma obra que reluz várias pesquisas realizadas com muita acuidade sobre as formas de linguagens verbais e não verbais das juventudes brasileiras, no tocante as suas relações sociais, culturais, escolares e familiares. Sobre tudo as múltiplas perspectivas fora do eixo Rio-São Paulo, mostrando as realidades dos jovens, especialmente, na região do nordeste brasileiro. O que emerge um panorama mais democrático e real do cenário juvenil. Outrossim, nos ajuda a compreender as juventudes dentro de investigações que partem perspectivas acadêmicas diferentes.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, João Batista de Menezes (org.) Juventudes Contemporâneas. Desafios e Expectativas em transformação, Rio de Janeiro: Telha, 2020, 218 páginas
- MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 95-117, 1995.
- VIANA. L. O funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura, Campinas: UNICAMP, 2010.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2000.

3 Uma espécie de favela.

